

APRESENTAÇÃO DE DIMÍTER ÁNGUELOV

PAULO FRANCHETTI
(UNICAMP)

Nas páginas seguintes, publicam-se alguns textos inéditos de Dimíter Ánguelov. Trata-se de pequenos contos - se é que podemos chamá-los assim - que fazem parte de um volume intitulado *Furacão no Labirinto*, atualmente nos prelos das Publicações Europa-América e com lançamento previsto para o segundo semestre do corrente ano de 1996. Pela sua singularidade, saberão despertar sozinhos o interesse do leitor, que certamente identificará de imediato a sua qualidade maior, que é a inteligência e os jogos em que ela tem o papel principal. Dispensamo-nos, portanto, de comentá-los, e concentro-me aqui apenas numa rápida apresentação de seu autor, certamente ainda desconhecido entre nós.

Dimíter Ánguelov é originário da Bulgária e há já vários anos que vive em Lisboa, onde se dedica ao jornalismo cultural e ao ensino universitário. Quando estava em sua terra natal, destacou-se como divulgador da cultura portuguesa e tradutor de literatura - Eça, Mendes Pinto, Camilo, Nemésio e Herberto Helder são apenas alguns dos autores que traduziu -, ao mesmo tempo em que publicava uma gramática e outros trabalhos voltados para o ensino da língua portuguesa.

Finalmente radicado em Portugal, publicou ali dois pequenos e notáveis volumes, que despertam a atenção pela originalidade da concepção e pelo inusitado da forma. Chamam-se eles *Código evidente* e *Nihil obstat*, ambos sob a chancela & etc, e compõem-se de textos muito breves, à maior parte dos quais podemos chamar com justiça aforismos.¹

Não sei se foi o *Código evidente* a estréia literária do autor. De qualquer maneira, se não são os dois livros da & etc os seus primeiros, são, pelo menos, os primeiros na nova língua que agora esse homem, radicado em Lisboa, fala todos os dias consigo mesmo. Sim, porque Dimíter Ánguelov parece, pelos

¹ *Código evidente*. Lisboa, Subterrâneo Três, 1989. *Nihil obstat*. Lisboa, Edições Culturais do Subterrâneo, 1995.

textos, um homem que fala muito consigo mesmo e que, ao fazê-lo, medita muito sobre como o faz na nova língua, repara nos absurdos e nos novos jogos de idéias que a situação lhe apresenta. E daqui extrai boa parte do que nos apresenta depois, em forma de brilhantes fragmentos ou aforismos.

De fato, em alguma medida, parecem esses textos produtos diretos do seu convívio com a vida e a língua portuguesa e creio mesmo que se pode perceber, quanto a esse aspecto, alguma evolução entre a primeira e a segunda coletâneas.

Ainda em *Código evidente*, sentimos a presença um bocado sufocante da realidade búlgara, da rotina massacrante da burocracia invadindo todos os recantos da privacidade do sujeito. Embora vazado em português, a verdade é que esse é um livro neutro, que, na sua maior parte, poderia perfeitamente ter sido escrito em francês ou inglês, e depois traduzido para a nossa língua. A graça amarga das sentenças, o brilho da inteligência, a sua própria forma de articulação enquanto frase provêm quase exclusivamente dos jogos conceituais. A língua tem aí, o mais das vezes, um papel secundário: é quase apenas um sinal de notação lógica, uma espécie de linguagem algébrica, com a qual o autor monta proposições sempre surpreendentes. Talvez isso explique em parte o nome mesmo do volume, aponte para o seu objetivo, do ponto de vista da concepção e do emprego da linguagem. Apenas para dar uma idéia ao leitor, apresento a seguir um pequeno exemplário, em que tentei colher espécimes das várias famílias de texto que se encontram nessa primeira coletânea:

- (1) A sua segunda intenção não era pior do que a primeira.
- (2) Separava-os uma grande verdade. Das suas margens mal se avistavam um ao outro.
- (3) Pôs-lhe a mão no ombro e disse com toda a sinceridade: “Tu és o meu after-ego!”
- (4) Narciso gostou muito de si próprio quando se viu refletido na água, porque não sabia que a sua imagem estava invertida. Quando lhe explicaram, criou o complexo.
- (5) Tentou inverter o processo alquímico observando-o com a cabeça para baixo.
- (6) Há verdades tão pequenas que para serem vistas têm de ser ampliadas por mentiras muito grandes.

Nihil obstat, embora continue de modo geral a senda aberta em *Código evidente*, revela-se, do ponto de vista lingüístico e temático, muito mais marcado pelas vivências específicas num determinado país, numa determinada língua e cultura. De fato, em boa parte dos textos que o compõem, *Nihil obstat* apresenta uma tendência narrativa que não era dominante no primeiro volume, e é fácil

encontrar, ao longo de suas páginas, histórias por assim dizer em estado embrionário, que se congelaram num momento ainda indefinido do ponto de vista da construção de um discurso narrativo e que por isso brilham estranha e intrigantemente. Muitos dos “aforismos” desse livro são, na verdade, como que cenas soltas, situações em busca de um contexto, fragmentos de conversas ou de sonhos que anseiam por complementação.

Do ponto de vista da linguagem, creio que *Nihil obstat* representa um avanço em relação a *Código evidente*: é muito mais expressivo, mais sensório. As frases portuguesas têm aqui a musicalidade que lhes parece própria; nos períodos sente-se uma cadência mais acentuada, mais ritmo, mais equilíbrio, e a sintaxe tem ar mais natural e quase castiço. No que diz respeito à organização interna dos textos, já aponte o que me parece novidade desse volume em relação ao predecessor: a grande quantidade de pequenas quase-fábulas. O que, porém, é mais notável, do ponto de vista da evolução da obra de Ángelov, é que aqui já se fazem sensíveis as formas de exposição que encontraremos depois amplificadas em *Furacão no Labirinto*, isto é: ou uma situação qualquer que, exposta com intenção de totalidade, logo passa a ser decomposta sob a ação de uma lógica cruel, de modo a mostrar o seu caráter de absurdo; ou uma situação absurda por si mesma, que passa a sofrer desenvolvimentos segundo uma lógica bastante consistente, forçando-nos a uma leitura simbólica que raras vezes permite uma decifração alegórica.

Ángelov é, assim, essencialmente um desconstrutor. Ou, o que dá no mesmo, um construtor de não-objetos, de situações ou objetos impossíveis:

- (1) O maior inconveniente quando nos mantemos na periferia dos acontecimentos é que, em caso de desequilíbrio, nunca se pode cair para fora.
- (2) Separa-nos um abismo tão estreito que não custa nada transpô-lo. Por isso mesmo tem-se a sensação de continuar do mesmo lado após uma proeza ridiculamente inútil.
- (3) Pareceu-me que todos olhavam para mim. Verifiquei se não vestia a camisa do avesso ou se os sapatos não eram de cores diferentes. Olhei-me no espelho para ver se não tinha a cara suja. E deu-me vontade de rir. “Ele está a sonhar – ouvi sussurrarem atrás de mim. – E nem sequer repara nos seus gestos.”
- (4) Quando saiu para comprar o jornal viu que tudo tinha desaparecido: ruas, prédios, pássaros. Apercebeu-se logo de que se encontrava sobre uma enorme página de ficção, mas nem lhe passou pela cabeça voltar para trás, porque sabia que nestes casos nunca havia um retorno completo. Sentia-se, porém, suspenso algures, como uma história inacabada.

São textos como esses, a par de aforismos de maior sabor clássico, que anunciam os contos que comporão o *Furacão no Labirinto*. Desse livro – que, como disse, não será aqui analisado –, graças à generosa cessão do autor, apresentam-se a seguir algumas amostras inéditas, escolhidas entre os setenta e tal textos que comporão o volume.

1.

Comecei a educação estilística da minha filha Eulália quando ela ainda era criança. Mais precisamente quando fez a primeira «redação».

- Querida - disse-lhe com muita ternura e enrolei-lhe a trança no indicador em forma de um belo ponto de interrogação - não escolhemos o teu nome ao acaso mas já que não tens muito jeito para te exprimir oralmente tens que ser impecável na escrita!

E de tanta emoção, pouco mais acrescentei. Sabemos que as crianças são por natureza diretas e não gostam de palavras compostas, conduzindo-se pela lei da causa e do efeito. Dizia ela:

- Gostamos dos gatos porque são bonitos.

Ora o «porque» tira toda a beleza da frase. Expliquei:

- Gostamos dos gatos em função da sua beleza.

- Desprezamos os ladrões porque...

- Não! - interrompi. - Desprezamos os ladrões em virtude da sua maldade.

- Estimo o tio porque me leva a passear, embora não goste dos lugares.

- Não, não. É melhor assim: «A despeito da estima que tenho pelo tio, não gosto dos lugares por onde passeamos».

- Tenho compaixão dos pobres...

- Alto aí: «Tenho compaixão pelos pobres graças...»

- Graças ao seu infortúnio....

- Exato!

- Exato?! Pai, como és capaz de dizer uma coisa destas?!

- Querida, o estilo exige sacrifícios! - E expliquei-lhe o resto. Pese a ligeireza com que ela levantou esta primeira e última objeção estilística, hoje ela possui um estilo irrepreensível. Nunca se encontrará na sua escrita nenhum «porque». E no entanto sinto que falta aí qualquer coisa. Por quê? Em função da minha dúvida pressinto a causa, mas em virtude do estilo pessoal, pese a contradição, sei que é graças ao estilo que suportamos aquilo que, a despeito da verdade, aconselhamos aos outros!

2.

Lançou para o passado um olhar de brilho metálico e suspirou: - A minha vida foi dura! - E para ilustrar, bateu com o copo vazio na mesa. - Fui encontrado na encosta dos Himalaias. O descongelamento foi lento. Os cientistas calcularam a minha idade em 57 anos. Não me lembrava de ter sido alpinista, monge ou condenado, não me lembrava de nada, em suma. Exceto do frio na ponta dos cabelos - ainda o sinto.

- Mas - interrompo - como é que se lembra do frio e não do resto?

- É que para mim lembrar é sentir e se não sinto é porque não me lembro.

- Não estará mal agasalhado?

- Não se pode agasalhar uma memória fria.

- Não se pode agasalhar - concordo - mas pode-se aquecer. Tente fazer mexer essa memória! Não fique parado.

- A minha memória tem um ponto só. E quando se mexe não se desvia dele. É o ponto do frio.

- Estou a perceber. É o ponto de congelação. Sendo assim, como é capaz de manter este equilíbrio sem se mexer?

- Eu mexo-me. O frio é que não.

- Com quem estou a falar?

- Com o frio. Num determinado ponto do seu lugar. Tire-me daqui os Himalaias.

- Sinto muito mas não é fácil - e apresso-me a sair. - Aguarde o descongelamento.

- O pior é outra coisa - tenho cancro na ponta dos cabelos!

- Mas então ... por que não corta o cabelo?

- Porque assim ficava mais perto da cabeça.

- Há certa lógica nisso.

- Sim, a lógica ficou intacta.

3.

Quando no 30º aniversário da nossa empresa cantei fado, dancei, fiz sapateado, toquei violino, guitarra e piano, todos ficaram altamente admirados e à beira de entrarem em pânico. Nunca tinha sorrido, nunca até então tinha dado uma gargalhada, nunca me tinha descontrolado em nenhum gesto nem circunstância. Mas o maior espanto foi quando executei uma paisagem romântica em poucos minutos nas costas de uma dama profundamente decotada. À medida que o desenho ficava mais consistente, o riso impaciente e as exclamações acalmaram-se até se chegar a um silêncio próprio de uma situação calamitosa a nível nacional. Mantiveram-se todos, durante algum tempo, completamente

mudos, desorientados, vencidos. Finalmente, uma colega virou-se para mim e gritou:

- Você é um grandíssimo descarado! Quantos anos esperei este sorriso e esta alegria. Nunca lhe hei-de perdoar! - E sentou-se abatida e inconsolável.

- Isto não se faz - levantou-se o sub-diretor. Equivale a uma longa mentira. Quinze anos de falsa obediência. Porque, interiormente você foi um homem livre. E o que é mais grave - um homem alegre. Um homem que nunca quis partilhar a sua alegria com os colegas. Custa-me crer. Mas, por mim, está perdoado.

Inclinei-me em sinal de reconhecimento e disse:

- Nunca tive a coragem de mostrar as minhas capacidades...

- Abaixo este prestidigitador, este bufossincronista - disse o porteiro. - Já vi nas feiras coisas mais espantosas!

- Mas que falsidade! Tantos anos a esconder-se! Que enormidade! - acrescentou alguém e cuspiu.

- De qualquer modo não se lhe pode negar o dom de ilusionista - tentou introduzir alguma moderação, outro colega. - Não vamos estragar uma festa tão divertida.

- Mas onde é que você vê o divertido? - fulminou-o com uma cotovelada simbólica certa figura feminina com ar de vedeta.

- Não me digam que tudo o que ouvimos e vimos foi falso. Estaremos todos bêbados? Ou com alucinações? Que confusão!

- Acabem com este caos! Aquilo que «pintou» é um reles autocolante - um kitsch.

- Estão a esfolar-me! Cretinos e loucos! Canibais! Socorro! Chamem o 115! Assassinos!

Levantei-me e com um olhar vasto dominei a sala:

- Esqueci-me de um pormenor! O meu irmão gêmeo pediu-me para o representar! Não há aqui nenhuma falsidade... Queiram desculpar-me. Ele disse-me: «De ti vão gostar com certeza!»

- Mas que semelhança extraordinária - possui os iguais óculos....

- Viva! Saúde! Finalmente um homem honesto! Hurra!

Todos começaram a abraçar-se, a chorar, a dobrar-se de riso, a bater palmas. Aproveitei o enternecimento e saí. Tinha-me reformado poucos dias antes e nunca mais vi os meus colegas. Admito, porém, que ainda hoje riam ou fiquem irritados, mas sempre com um vago contentamento. A mim apraz-me pensar nessa despedida tão completa porque tão contraditória.

4.

Com o tempo, um tempo indeterminado e vago, Adão e Nosso Senhor tornaram-se amigos e como ambos nunca tinham tido infância inventavam todos os dias um jogo diferente, uma brincadeira sempre agradável, pois ainda não existia o mau gosto.

- Hoje, apetece-me criar animais - disse Ele e bateu no ombro de Adão.

- Animais? Não percebo...

- Coisas animadas pela alma, coisas que se mexem...

- Já sei - que têm fogo que os faz mexer...

- Não é nada disso: o fogo faz mexer só quando se está perto dele.

- Tudo bem - concordou Adão. E como é que a gente faz?

- A «gente», não. Eu é que faço.

- Mas como é que fazes se nunca viste nenhum?

- Faz-se assim: dizemos consoantes e vogais ao acaso e depois logo se vê.

- E se o animal se repetir?

- Mata-se.

E começaram a pronunciar e a criar e alegravam-se à bruta. Depois, o Senhor limitava-se a dizer «Vai-te embora» e Adão empurrava o animal com um «Vai com Deus!»

- «Gato» - disse Adão.

- Esta maravilha fica comigo - nunca toques neste animal nem para lhe fazer festas. «Cão!»

- Quero este para mim - vê-me só este olhar. Se me debruçasse com ele sobre a água diria que éramos uma coisa só, duplicada.

- Fica com ele, mas longe daqui - até me arrependo de o ter criado. Mas enfim.

- «Morcego» - disse Adão.

- Vai para o diabo! - exclamou o Senhor arrepiado.

- Como diz? O que é isto de «diabo»?

- Não sei bem. É algo que sinto por vezes dentro de mim.

- Não deve ser animal... «Ateu».

- É pior que o diabo e tu, juntos. Maldito sejas. Aqui acaba tudo entre nós.

E abandonou-o no meio da multidão de animais que até lá se entretinham numa perfeita harmonia. Mas quando o Senhor se afastou começaram a rugir, a grunhir, a arreganhar os dentes, a uivar. Pela primeira vez Adão sentiu algo de muito estranho e gritou:

- Tenho medo!

E assustou-se ainda mais com esta palavra porque não sabia exatamente o que queria dizer. Então o cão aproximou-se e lambeu-lhe a mão. Adão sentiu o calor e relaxou um tanto, abraçou-se a ele e começou a chorar. Viu algumas gotas a

caírem no chão e olhou para o céu. Não chovia, mas ele ainda não sabia que estava a chorar. Comovidos ou por outra razão qualquer, os outros animais afastaram-se e deixaram estas almas gêmeas em paz. Uma paz solitária, meio canina, meio humana. Até ao dia em que em frente do Adão se plantou o animal mais estranho e mais fascinante e disse com uma naturalidade perturbadora:

- Sou eu, a Eva.

5.

A minha obra de arte da série «projeto mutante» foi largamente elogiada - entre outros atributos destacava-se a originalidade da sua simplicidade.

Quando chegou a época de fazerem casulos, distribuí os bichos-da-seda, que criava segundo as prescrições científicas mais avançadas, pelos ramos de uma amoreira cuja copa frondosa asseguraria o período mais frutífero da minha obra. Quando a formação dos casulos entre os ramos começou a conferir uma noção inédita de tempo e de espaço aos olhos dos transeuntes e apareceram pássaros atacando os indefesos bichos-da-seda que só se encapsulavam para se retirar da vida ativa, o caso tornou-se polémico, quer dizer suspeito. Recebi ameaças telefônicas da parte de uma Organização de Proteção da Vítima, budistas ocidentais declararam-se profundamente consternados com o massacre a ceifar vidas inocentes em fase de conclusão. Foi-me sugerido importar uma espécie de aranha gigantesca da Austrália ou da América Latina capaz de apanhar os pássaros nas suas teias, outros, que se tinham congratulado com esta arte «ecológica», sugeriram que a envolvesse numa matéria reciclada e transparente, sugestão à qual a Igreja ripostou discretamente que aquilo não era arte nenhuma, e se o fosse, era uma arte «contra natura». Como em matéria de bio-degradáveis as coisas são pouco transparentes, pensou-se cortar a árvore e instalá-la temporariamente no museu local. Ideia que deu azo a um processo que a Junta de Freguesia levantou contra mim sob a acusação de me ter servido do Patrimônio do Estado.

Uma gralha no semanário mais importante em que um dos grandes estilistas falava da fase «pré-casual» provocou o escárnio dos filósofos profissionais que leram segundo estava impresso - «pré-causal». A obra «transferiu-se», por assim dizer, para a Televisão, que deu a notícia, em primeira mão, de a minha obra ter sido declarada Patrimônio Mundial e depois de uma manifestação de estudantes em frente do Ministério da Cultura foi decidido fazer-se uma marcha de homenagem ao lugar da «obra». O choque foi enorme quando se descobriu que árvore já lá não estava e, no seu lugar, se encontrava, recentemente colocado, um sinal de «sentido proibido». Admitiu-se a hipótese de a obra ter sido roubada por um grupo de drogados. Houve uma acusação de a obra ter sido uma fraude

completa, e em apoio desta hipótese, referiu-se que nessa época do ano as amoreiras já não tinham folhas, que o meu nome era falso, ou melhor, que o autor nem sequer existia e, por conseguinte, uma obra sem autor era inconcebível etc. A verdade é que em frente da minha casa existe uma amoreira que crianças imaginativas adornaram na época de Natal. Os elementos naturais mais tarde devastaram os enfeites e transformaram a árvore num desenho fantasmal que inspirou, porventura, algum transeunte que não terá tido a coragem de assumir a sua fantasia. E que talvez me tenha visto a olhar para a árvore, muito pensativo...

6.

Fui o último a sair da camioneta e ainda hesitei, pois pelas vozes pensei ter-me enganado:

- Olá, primo!

- Estás boa, prima?

- Madrinha, até que enfim!

- Pai, olha para a irmã do cunhado do primo mais velho!

- Genro, não te reconheço!

Etc.

Esperei que o parentesco se acalmasse e avancei em direção a uma senhora:

- Aqui as pessoas não têm nomes?

Ela arreganhou os dentes num sorriso pré-histórico e tentou abraçar-me e dar-me um beijo.

- Alto aí! - disse instintivamente.

- Olhem-me para o meu primo americano: continua o mesmo brincalhão de sempre. - Agora faz de conta que não se lembra demim.

E atirou-se numa nova tentativa de abraço. Juntaram-se primas e primos e fui arrastado para uma pequena e escura casa, à moda da ilha, e todas as minhas tentativas para dizer qualquer coisa foram repetidamente cortadas com um «Primeiro comer e beber!»

- Temos muito tempo depois para falar. Quero tudo contado bem devagarinho - disse a mulher primordial.

De onde é que vinha este gosto pelo devagarinho? Com aquela gritaria que não era propriamente conversa mas um simples uso do parentesco. Logo que acabamos de jantar alguém disse:

- Está na hora de dormir!

- Prima, vais dividir o quarto com o primo. Não há mal nenhum.

A prima que me era destinada, olhou para mim, baixou o olhar, pegou na minha mão e disse:

- Vamos.

Quando nos preparamos para dormir, cada um na sua cama, aproximei-me dela e disse:

- Prima, eu quero sair daqui... Ajuda-me, em nome de... - e ia dizer «em nome do nosso parentesco» mas pareceu-me estúpido. - Quero ser sincero contigo! Tenho medo! Nunca vi tantos primos, primas, cunhados e madrinhas!

- É sempre assim, nesta época.

- Prima, vou confessar-te uma coisa importante. Presta atenção!

- Estou a ouvir - respondeu e esticou o queixo com certa graça.

- Não sou teu primo, nem de ninguém.

- Logo vi que eras esperto. Melhor ainda. Senta-te aqui!

E apoiou o braço no meu ombro.

- Prima, já fui casado várias vezes, tenho cinco filhos, estou comprometido com uma rapariga de...

- Não interessa. Gosto de crianças... E com um gracioso movimento da cabeça espalhou os longos cabelos loiros pelos ombros.

- Prima, isto não se faz...

- Primo... não sejas criança - e agarrou a minha mão. - Isto não se diz.

- Tenta compreender - gaguejei.

- Tenta compreender tu!... É uma noite só!

- É! - concordei. - É esta ideia que me apavora. Porque eu parto amanhã. Porque não sou de cá, nem de lado nenhum.

- Escreves...

«Sou analfabeto» - pensei dizer mas achei ridículo e disse:

- Não tenho jeito para escrever...

- Telefonas...

- É caro... - Perdão. Prima, não sei falar pelo telefone. Fico confuso - e agarrei-lhe as mãos.

Ora, naquele momento essas mãos estavam muito perto da sua boca. Quase gritei:

- Prima, gostaria de ser teu primo mas não posso!

E beijei-a apaixonadamente na boca.

...

Depois tudo se alterou.

...

- Ricardo! O que se passa contigo?... Há meses que não me davas um beijo assim.

- Prima! - escapou-me esta palavra fatal.

- Desde quando é que sou tua prima!

- Cláudia, como gostaria de ser teu primo...

...

Já passaram mais de três anos desde esta última confissão que fiz à minha mulher. Um dia destes pensei dar uma volta, ir para longe, para uma pequena ilha, para uma pequena aldeia....

...

- O senhor enganou-se na ilha? - ouço uma voz amavelmente curiosa.

- Não, não é nada - digo calmamente e vejo-me a olhar para um mapa onde mal se notam as ilhas.

...

Não, não é mapa. É uma mancha luminosa na baía, um feixe que o sol escondido projeta no mar - uma ilha rápida.

7.

Quando divagava pelo cemitério central da capital de um país imaginário surpreendeu-me uma lápide que dizia: «Aqui jazem dois esqueletos que nunca chegaram a encontrar-se mas que podiam ser muito felizes». Mais adiante li outro epitáfio numa lápide também sem datas. «Nasceu para dormir. Acordou para morrer». E ao lado: «Aqui dorme uma verdade que despertada seria uma grande mentira». Era afinal um cemitério de grandes verdades imortais. Assaltou-me uma tristeza descomunal e comecei a repetir para mim próprio: «Não estejas triste, não estejas...»

Mas a partir de certa altura senti que aquela voz já não me pertencia. E apoderou-se de mim uma tristeza ainda mais profunda, ainda mais escura e densa. Por alguém que não conhecia e que chamava a sua dor de tão perto. E senti-me indefeso e enfureci-me e gritei ao acaso, feroz: «Basta!» E senti um alívio feliz, uma beatitude. Estava em frente de uma enorme lápide de mármore branco com um mosquito de dois metros de comprimento e duas letras por baixo. C. S.

Não detive o meu riso.

- Era um homem bizarro - ouvi uma voz condescendente - comprou uma sepultura no cemitério para enterrar o mosquito que matou no próprio dia do enterro. E claro, deu-lhe um nome de homem...

O cemitério era o mais belo dos jardins. «O mais belo dos jardins?» - pensei. - Mas quem diz essa barbaridade?!

- Os homens não têm emenda - mesmo após a morte! A luz descerá sobre ti! - ouviu-se uma voz celestial.

- Sei muito bem - respondi, ainda irritado. - Faltam poucas horas para o sol nascer...

- Como és incorrigível na tua teimosia!

Um holofote banhou-me de luz. O porteiro (ou o coveiro?) que me observava com hostilidade deixou cair a chave do portão quando perguntei:

- Foi você que falou como um querubim ou um serafim? Não os distingo bem. Antes da morte.

- A morte não existe. Fora daqui!

- Está enganado - digo. - A morte existe também fora daqui. Existe por todo lado. Enterre isso na cabeça.

Primeiro ficou petrificado mas logo começou a apalpar a testa como se fosse uma lápide submersa na escuridão tentando decifrar o epitáfio. Depois deu uma volta ao corpo e seguiu a leitura apalpando o ar, deslocando-se com o ritmo da decifração até eu o perder de vista.

8.

Vejo-o todos os dias a andar de um lado da quinta para o outro como quem procura uma coisa invisível. É um homem carrancudo mas aprecia cata-ventos com rodízios. Tem-nos de vários tamanhos, mais de uma dúzia, e alguns parecem tão pesados que só um furacão poderia pô-los em movimento. Os vizinhos queixam-se do barulho que ele faz na sua oficina - uma alegada estância de madeira. As autoridades não descobriram nenhuma oficina mas também ficaram surdos para o resto. Quando a minha curiosidade superou a irritação desses ruídos que chegam como que de outra civilização, perguntei-lhe amigavelmente:

- Aquele despertador que me acorda, perdão, que o acorda todas as manhãs às cinco horas, é produto nacional ou é importado?

- Nem uma coisa nem outra. Aquilo que você ouve não é bem o despertador. É uma ave que eu treinei a imitar um despertador. Agrada-me ser despertado por um pássaro.

- Mas os pássaros cantam, alguns, mais cedo.

- É verdade. Mas eu mantenho este numa câmara escura e ponho-lhe sempre o despertador para as cinco. Então o bicho acorda e começa a cantar. É agradável.

- Deve ser uma ave enorme - aquilo tem uma força!...

- É do amplificador. O pássaro é normal.

- Tudo isso é bem complicado - utilizar animais e ... Aquilo parece Hi-fi... Só para acordar. Acorda com dificuldade, se não é indiscrição?

- Eu, para ser franco, nem durmo. Pelo menos a essa hora. Fico tão impaciente para ouvir os primeiros sons, digo, o primeiro canto, que por vezes nem chego a adormecer.

- E começa logo a trabalhar na oficina? Só depois é que toma o pequeno almoço?

- Que oficina? Eu vivo só daquilo que cultivo na quinta.
- Pensei que houvesse uma estância de madeira...
- Não... Aquilo é um papagaio que um sobrinho me trouxe do Canadá. Depois passei duas semanas numa estância de madeira a treiná-lo a imitar a serra de fita.
- E este barulho dá-lhe algum prazer?
- Prazer não me dá mas também não me irrita. Porque sei que está a incomodar os vizinhos. Bem merecem porque fizeram queixa da minha estância de madeira! Agora... que agüentem.
- Há dias, já passava da meia-noite ouvi uns gritos na quinta e tive a sensação que estavam a matar alguém...
- É o mais engraçado de tudo que consegui em avicultura. É um casal de papagaios que a gente, eu e a minha mulher treinamos, durante seis meses. Bem, por vezes treinamos, outras vezes foi espontâneo. Gritava eu, gritava ela, de vez em quando dava-lhe uma sova e os bichos aprenderam. Há coisas que eles imitam igualzinho, igualzinho. Dá-me prazer ouvir aqueles gritos mas também lhe digo: por vezes aquilo despedaça-me o coração. Até porque não é real. Não há causa. Coitados dos bichos. Mas é assim. De modo que olhe...
- E a reforma? Tem juntado qualquer coisa?
- Com a nova lei preciso de trabalhar mais cinqüenta anos para ter uma reforma de jeito. Não. A gente não conta com reforma. Ando a treinar um papagaio a dizer: «Pouco falta para a reforma!». E avança na aprendizagem bastante bem. A nossa filha é que não. Meteu-se na droga. É uma tristeza. Não se deixa convencer e repete sempre a mesma coisa: «Pai, tu pareces um papagaio! Basta!» Ainda noutro dia disse à mulher: «Mais valia teres dado à luz uma ave!» Olhou para mim assustada mas depois concordou. De modo que a gente vai-se iludindo com aquele canto. Alivia um pouco. Coitado do pássaro! Um dia acorda e começa com essas promessas sem saber que já não vale a pena.